

FMS FMLF GERIN
BIBLIOTECA
Jornal
Congreso da Bahia
Data
12/02/08
Caderno
Página
Siqui Salvador/06
Assunto
Histórias
(Museu)

Tesouro escondido

Responsável por oito museus, Ipac possui em sua sede peças de grande valor artístico e que só agora começam a ser catalogadas

Fotos de Paulo M. Azevedo

Alan Rodrigues

Casa de ferro, espeto de pau. O ditado popular bem que poderia se aplicar ao Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural do estado, o Ipac. Responsável, entre outras atribuições, pela manutenção e conservação dos acervos de oito museus, o órgão possui em sua sede administrativa, no Pelourinho, peças de grande valor artístico que jamais haviam sido catalogadas.

Para corrigir essa incoerência, um inventário artístico, concluído na última semana, identificou 116 peças que integram o acervo do instituto – entre mobiliário, pinturas e esculturas. Distribuídas pelos cinco casarões que abrigam a administração do instituto e na sala vip do Aeroporto Internacional Deputado Luís Eduardo Magalhães, as peças fazem parte do dia-a-dia do órgão, mas só podem ser apreciadas por quem frequenta a diretoria do Ipac.

Entre as obras, estão uma pintura abstrata de Mário Cravo e dois quadros, retratando a Praça da Sé e o Forte de Santa Maria, pintados por Diógenes Rebouças, além de uma escultura de mestre Didi – só para citar os artistas mais conhecidos. A maior parte do acervo é de autoria desconhecida e sequer é possível distinguir a sua origem, já que nos primeiros anos de funcionamento o Ipac (que completou

40 anos em 2007) não possuía cadastro das obras doadas pelos artistas ou suas famílias.

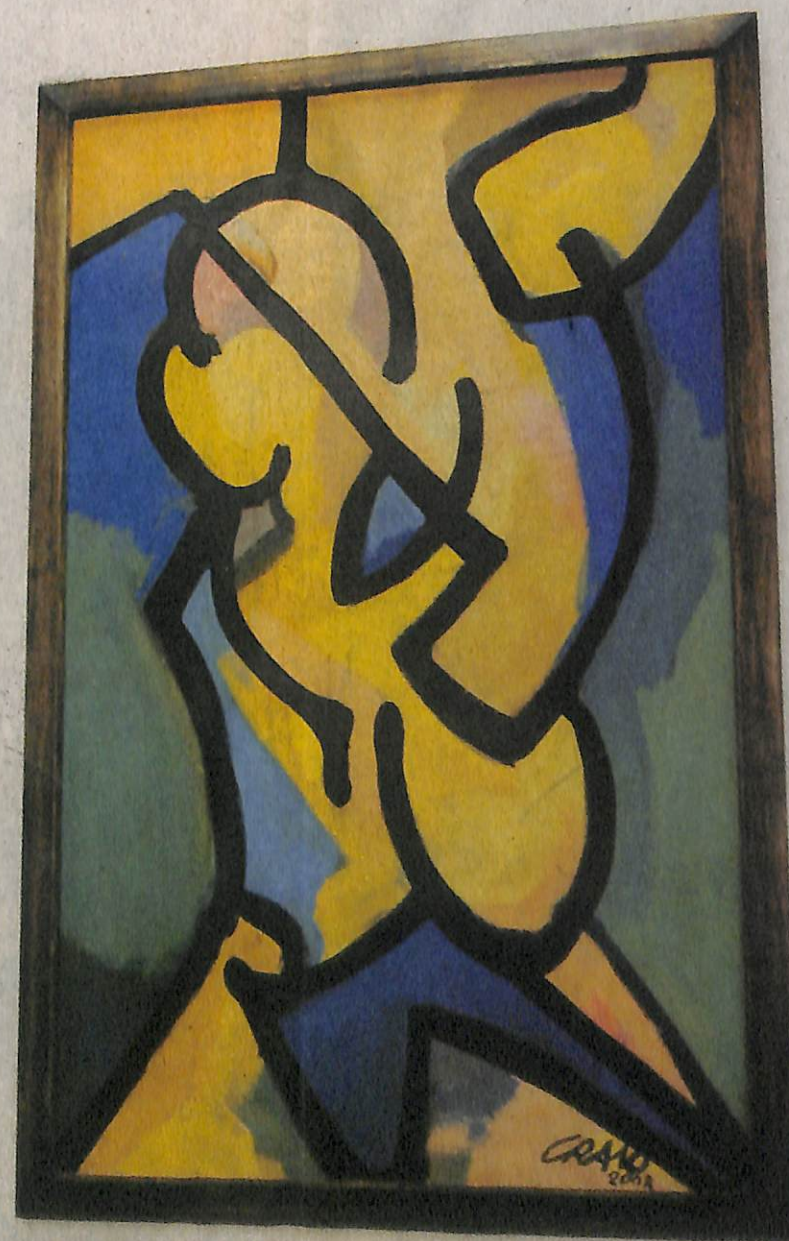
A idéia de cadastrar o acervo da sede administrativa do Ipac partiu da museóloga Sônia Ivo, coordenadora do inventário. Após um período trabalhando junto à diretoria, ela foi relocada para a diretoria de museus (Dimus) e sugeriu a catalogação.

A partir da identificação das peças, a próxima etapa é desenvolver um estudo dos estilos presentes nas obras, principalmente no mobiliário, dos séculos XIX e XX. Sônia Ivo, no entanto, adianta que boa parte dos móveis a serem pesquisados pode ser cópia. “Mas como já têm mais de cem anos, passam a ser consideradas históricas também”.

O trabalho deve ser concluído até o final do ano no Ipac

e no Museu da Aclamação, assim como no Museu Temporal, que dispõe de 40 mil itens catalogados. Trabalho semelhante foi realizado no Museu Abelardo Rodrigues. Outras catalogações se encontram em fase final nos museus Udo Knoff, Parque Histórico Castro Alves (em Cabaceiras) e no Museu Cláudio Marsella, de arte africana.

Para a diretora da Dimus, Ana Liberato, além de conhecer o próprio acervo, a medida possibilita a melhor conservação e segurança das obras. Segundo ela, no caso do Ipac, muitas peças se encontram cedidas para outras secretarias ou são requisitadas para eventos. “Antigamente isso acontecia muito, hoje é preciso fazer um termo de empréstimo, com tempo determinado, para o acervo não se dispersar”, justifica.



Muitos quadros, como esta pintura abstrata de Mário Cravo, e mobiliário antigo fazem parte de acervo do Ipac